

6 Oficinas de leitura

Jean Marie Goulemot (2001) é categórico ao afirmar que “*a leitura é sempre produção de sentido*”. Ler, continua o autor, “*é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas seqüências*” (p. 108) Acompanhando o raciocínio proposto por Goulemot, conclui-se que a leitura não pode ser entendida como um processo reduzido apenas a um leitor que encontra, no texto, o sentido construído pelo autor deste. Nesse caso, analisar o leitor faz-se bastante pertinente, uma vez que é ele quem “*constitui e não reconstitui um sentido*”, sendo peça fundamental no processo de troca e aprovação que é a leitura.

Desse pensamento compartilha Hébrard (2001), que define a leitura como um “*processo de produção de sentido no qual o texto participa mais como um conjunto de obrigações (que o leitor toma mais ou menos em consideração) do que como estrita mensagem*” (p. 38). O leitor não é, para Hébrard, um simples receptor ou um decodificador de mensagens.

Roger Chartier (2004), em “*Leituras e Leitores na França do Antigo Regime*”, destaca uma noção que lhe parece muito útil e que é utilizada ao longo de todo o livro: a de “*apropriação*”. Relaciono este pensamento com a fala de Goulemot, pois, segundo Chartier, a noção de “*apropriação*” evita que identifiquemos os diferentes níveis culturais a partir apenas da descrição dos objetos que lhes seriam considerados próprios. O exemplo que o autor dá é de que, nas sociedades do Antigo Regime, são numerosos os objetos que se encontram compartilhados por diferentes grupos sociais. A chave para o estudo da história da cultura escrita e da leitura é concentrar a atenção nos diferenciados empregos e nas mais diversas apropriações feitas a partir de um mesmo bem ou de uma mesma idéia, pois os objetos poderiam ser compartilhados, mas nem por isso seus usos seriam idênticos.

“O ato de leitura não pode, de maneira nenhuma, ser anulado no próprio texto (...). A aceitação dos modelos e das mensagens propostas opera-se por meio de arranjos, dos desvios, às vezes das resistências, que manifestam a singularidade de cada apropriação.” (Chartier, 2003, p.14)

Assim, percebe-se que investigar o leitor, não só a partir do que lê, mas fundamentalmente de como lê, significa evitar uma hierarquização cultural ingênua, pensada somente a partir das diferenças de classes. Pensar em apropriação é também voltar-se para os usos e desusos de um dos protagonistas do processo de leitura.

Tais questões foram norteadoras das oficinas de leitura realizadas com as crianças. Após as primeiras atividades de confecção de desenhos para perceber as relações entre as crianças e a mídia impressa, deu-se início a uma segunda fase nas oficinas, que passaram a ser voltadas para o ato de ler. O objetivo era observar de que modo se dava essa atividade na rotina das crianças: desde a posição em que preferiam realizar suas leituras, passando pelo tempo gasto com cada reportagem, a interação entre elas enquanto liam o material, além das considerações feitas, em debates, após terem contato com publicações conhecidas e desconhecidas. Recorrendo a Goulemot, e principalmente a Chartier, foi possível me desvencilhar, por exemplo, de noções pré-concebidas de que crianças moradoras de comunidades pobres teriam interesse apenas por jornais e revistas populares, enquanto crianças de famílias de classe média alta procurariam publicações voltadas para o segmento social do qual fazem parte. Seria necessário verificar, a partir de uma observação atenta de suas leituras e de seus discursos, o que é, ou não, verdadeiro nessa idéia.

Pode-se perceber nos relatos das oficinas que há escolhas diferenciadas por parte das crianças, mas que existe também um grande número de escolhas coincidentes, com modos de apropriação diferenciados. Esses distintos modos de apropriação não se dão apenas entre crianças de realidades sociais diferentes, mas também entre alunos de uma mesma escola. Como explica Hébrard (2001), crianças, e qualquer outro leitor, independentemente de sua faixa etária e condição social, reativam, durante suas leituras, aquisições culturais anteriores. Desta forma, suas experiências individuais, vividas e passadas, são, entre outros, fatores de diferenciação em seus discursos.

As oficinas de leitura realizadas se dividiram em dois momentos. De início, os participantes tiveram acesso a diversas publicações: jornais impressos de maior circulação no Rio de Janeiro e um número variado de revistas, também de grande circulação, voltadas para públicos distintos, não só o infantil. Os participantes poderiam ler, tanto em silêncio, quanto em voz alta, separados ou

juntos, as publicações, além de participarem de debates acerca do que leram e de como se posicionavam sobre o material.

Depois desse ciclo de leituras mais geral, o material levado pela pesquisadora para as oficinas limitou-se apenas às publicações “Recreio” e “Globinho”, para que fosse possível analisar a interação dos participantes com a mídia impressa infantil.

6.1 Modos de leitura

6.1.1 Modos de leitura de jornais

Nas oficinas de leitura de jornal, os participantes tinham a liberdade de folhear e ler, como quisessem, os jornais de grande circulação, levados pela pesquisadora para a atividade. Os títulos que fizeram parte da atividade foram “O Globo”, “Jornal do Brasil”, “Extra”, “O Dia”, “Meia Hora”, “Expresso”, “Tribuna da Imprensa”, “Jornal do Commercio”, “Lance!”, “Jornal dos Sports”, “Gazeta Mercantil” e “Valor Econômico”. Esses títulos foram escolhidos por serem, todos, do Rio de Janeiro.

Percebeu-se que os suplementos e publicações de formato tablóide¹⁹ foram, em ambas escolas, os mais lidos pelas crianças, provavelmente pela facilidade de manuseio. Revistas que são encartadas e distribuídas pelos jornais, como a “Revista O Globo” e a “Canal Extra”, tiveram uma grande procura.

Quando escolhiam jornais em formato standard²⁰, os participantes quase sempre esticavam as folhas no chão ou nas mesas, na hora de virarem as páginas, o que parecia facilitar a leitura. Outro método utilizado por muitos, ao lerem jornais de formato maior, foi o de “desmontagem” da publicação, quando tiravam do impresso apenas a página que lhes interessava e dobravam-na em muitas partes, de modo que pudessem segurá-la sem muito esforço. A atividade, que

¹⁹ O termo tablóide designa um formato de jornal surgido em meados do século XX, no qual cada página mede aproximadamente a metade do tamanho de um jornal “standard”, o mais convencional. Medindo cerca de 37,5cm x 60cm, o tablóide trata suas notícias em um formato mais curto e o número de ilustrações costuma ser maior do que o dos diários de formato tradicional: <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 15 de janeiro de 2007.

²⁰ Formato mais comum no mercado brasileiro, o jornal standard tem folhas que medem cerca de 55 cm x 30 cm. Segundo pesquisas, esse tipo de publicação aparenta um caráter de sobriedade, esperado por jornais formadores de opinião: : <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 15 de janeiro de 2007.

começou com os alunos em roda, sentados no chão para que estivessem próximos dos jornais, terminou com grande parte das crianças sentadas em mesas, uma vez que reclamavam que “*ler jornais no chão às vezes pode dar dor nas costas*”. O melhor, segundo alguns, é usar a mesa como apoio, até mesmo para não fazer “*muita bagunça*” no chão e para não precisar ficar de braços esticados para manter o jornal aberto.

Goulemot (2001) afirma que as relações entre um leitor e um livro se dão a partir das posições assumidas pelo próprio leitor. Neste caso, falamos de posição como postura física, atitude corporal assumida por aquele que lê frente ao que é lido. Ao mesmo tempo, o autor lembra que é também o gênero do livro que indica o lugar de sua leitura, constituindo assim uma via de mão dupla: leitor e leitura definem, ao mesmo tempo, a posição escolhida para o ato de ler. Em suas palavras:

“O corpo do leitor é uma livre escolha e uma imposição, pois revela atitudes-modelo, ou tipos (semelhantes aos modelos de distinção), de determinismos biológicos, de um dispositivo adequado ao próprio gênero do livro, mas também é uma liberdade que intervém, em uma medida que lhe é adequada e que não pode ser quantificada, o singular.” (Goulemot, 2001, p. 110)

A partir deste pensamento, pode-se analisar e estabelecer uma relação entre o modo de ler jornais apresentados pelas crianças envolvidas nesta pesquisa e as opiniões que elas emitem acerca desse tipo de material impresso, o jornal. Uma pequena história contada pelo autor ilustra bem a questão. Diz ele que, quando criança, as senhoritas da escola onde foi educado falavam sobre uma atitude digna, respeitosa para ler, que seria o mesmo que se apoiar sobre a mesa, onde é colocado o livro, com as costas retas e desprezando qualquer tipo de relaxamento. A imagem de um escrivão do século XIX, de acordo com o autor, é suficiente para se compreender o que se entende fisicamente e, conseqüentemente, ideologicamente, por ler: uma atitude séria, de compenetração. A posição da infância de Goulemot, o modo respeitoso que as “senhoritas da escola” indicavam, é a mesma que muitos alunos se viram obrigados a adotar para ler o jornal de maneira própria e ordenada: sentados em cadeiras, apoiados sobre os jornais que, por sua vez, foram colocados sobre as mesas. O que se percebe é que os jornais em formato “standard”, como são a maioria dos periódicos em circulação no Rio de Janeiro, não permitem às crianças uma leitura que poderíamos chamar de

relaxada e parecem impor, muitas vezes, a “atitude digna” à qual se refere o autor. Ao mesmo tempo, poderíamos pensar que são elas mesmas, as crianças, que escolhem essa posição, já que estão diante de uma publicação considerada “séria” por toda a sociedade que as rodeia. Seria possível concluir que não são só os assuntos e os textos longos, muitas vezes desinteressantes na opinião delas, que as afastam da leitura de jornais. A posição que se vêem obrigadas e também se obrigam a assumir frente a um jornal de grandes páginas representa uma “chateação”, fazendo com que a leitura de jornais ganhe ares de obrigação. O mesmo não acontece com as revistas, como veremos mais adiante.

Algumas diferenças entre os alunos da escola particular e da escola pública, relacionadas às maneiras de ler e ao interesse pelo material, ficaram evidentes. Na escola particular, três dos 15 participantes presentes sequer mexeram nas publicações, afirmando que “*não faziam tanta questão de ler*”, pois já conheciam a maioria dos jornais e “*não precisavam ler aquilo tudo de novo*”. Eles, de fato, pareciam conhecer certa parte do material, principalmente o jornal “O Globo”, publicação que grande parte recebe em casa, por assinatura. Uma menina de 12 anos, por exemplo, ao ver todos os jornais no chão, pediu a uma amiga que pegasse para ela o “Globo”, pois queria dar uma olhada no caderno “Ela”, suplemento voltado para o público feminino. Outros pedidos desse tipo também foram feitos, principalmente pelos cadernos de “esportes”, “cultura” e “televisão”. Jornais de menor tiragem, e desconhecidos dos alunos da escola particular, no entanto, como o “Jornal do Commercio”, a “Tribuna da Imprensa”, a “Gazeta Mercantil” e o “Valor Econômico”, permaneceram intactos até o final da atividade. Jornais voltados para um público de baixa renda, como o “Extra”, o “Meia Hora” e o “Expresso”, os dois últimos desconhecidos de grande parte dos participantes, foram bem aceitos e lidos com atenção.

A diagramação também serviu como referencial para os alunos da escola particular reconhecerem certos jornais. Ao lerem as notícias que mais chamaram a sua atenção, no debate ocorrido depois da leitura, alguns alunos demonstraram fazer esse tipo de associação:

Flávia, 11 anos: Vou mostrar a matéria que eu vi. “Meninos de 11 e 13 anos foram seqüestrados quando compravam bebidas para uma festa”.

Ben, 11 anos: Isso saiu no “Extra”, eu sei!

Josy: Como você sabe disso?

Ben, 11 anos: Dá para ver pela letra do jornal que ela “tá” segurando. Não é do “Globo”, eu conheço o jeito que as matérias saem lá.

Na escola pública, em contrapartida, todos os participantes se interessaram por ler, pelo menos, uma reportagem. Alguns se mostraram interessados, principalmente, pelas revistas que acompanhavam as publicações e um aluno afirmou não saber que existiam tais revistas. Um ponto bastante discutido entre eles, logo que as publicações foram espalhadas no chão e deu-se início à leitura, foram os preços dos jornais.

Rian, 11 anos: Olha esse aqui [apontando para o “Meia-Hora”]. É baratinho!

Matheus, 12 anos: É, tem jornais que são bem mais baratos que os outros. Esse aí é mais barato que a maioria, né, professora?

As publicações “Jornal do Comercio”, “Tribuna da Imprensa”, “Valor Econômico” e “Gazeta Mercantil”, como na escola particular, permaneceram intactas até o final da atividade. O conhecimento que as crianças da escola pública têm sobre jornais é diferente do das crianças da escola particular. O reconhecimento das publicações é feito, principalmente, pelo tom dado pelos repórteres e editores em seus textos e não pela diagramação.

Stefanie, 12 anos: A matéria que eu separei foi: “Cachorro maluco abocanha menina”.

Lucas, 15 anos: Deve ser matéria do “Extra” ou de um desses jornais que “espreme e sai sangue”. Olha só o título!

Foi nesta oficina, inclusive, que um dos meninos alertou que eu não teria levado o jornal que ele diz gostar mais de ler, “O Povo”. “*É um jornal importante no Rio de Janeiro e você disse que havia trazido os mais importantes, né?*” *Por que não trouxe ‘O Povo’?*”, perguntou. Na oficina da escola particular, os participantes comentaram apenas que faltavam os jornais de São Paulo, aos quais eles também tinham acesso, em determinadas ocasiões.

A idéia inicial era que a atividade de leitura em ambas as escolas fosse silenciosa e individual, mas a pesquisadora não fez nenhum tipo de recomendação ou restrição ao disponibilizar o material. Sendo assim, as crianças acabaram por conduzir a atividade, fazendo com que a leitura se tornasse “socializada”. Elas demonstravam um enorme interesse em mostrar aos colegas as reportagens mais

instigantes que haviam encontrado nos jornais, lendo títulos em voz alta, exibindo as imagens ou até mesmo chamando amigos para ver – e ler – o que achavam mais “legal”. Alguns grupos de dois e até três alunos, em diversos momentos da leitura, se juntavam em volta de uma única publicação, fazendo comentários e contando, uns para os outros, o que já tinham ouvido falar a respeito de determinado assunto.

Evelin, 13 anos: “Caraca”, “geral” viu a Cicarelli na praia com o namorado!²¹
Nádila, vem aqui ver isso!

Nádila, 13 anos: Cadê? Tem foto? Eu já tinha visto isso ontem pela internet!

Segundo Chartier (2001), os homens do século XVIII, principalmente na França, propunham uma leitura em voz alta com o objetivo de reunir membros de uma mesma família ou moradores de uma mesma comunidade para uma espécie de “audição compartilhada”. Ao comentar o assunto, o autor cita o livro “A vida de meu pai”, escrito por Rétif de la Bretonne, em 1778. Neste livro, Bretonne conta e diz se lembrar com enternecimento, que seu pai, após a ceia, costumava reunir toda a família e os empregados para uma leitura coletiva da Santa Escritura. As relações com o impresso naquele século, afirma Chartier, se davam de diversas maneiras, entre elas aquela em que o texto é decifrado em comum, lido pelos que sabem aos que sabem menos ou nada, às vezes manuseados e elaborados coletivamente. Materiais impressos podem, então, ser um bom motivo para reunir e trocar, como já se fazia no século XVIII e como as crianças participantes das oficinas parecem, intuitivamente, ter descoberto.

6.1.2 Modos de leitura de revistas

Nas oficinas de leitura de revista, os participantes tinham a liberdade de folhear e ler, como quisessem, revistas de grande circulação nacional, voltadas para diferentes públicos, levadas pela pesquisadora. Os títulos que fizeram parte da atividade foram “Capricho”, “Atrevida”, “Caras”, “Contigo”, “Quem”, “Veja”, “Viva Mais!”, “Isto é”, “Época”, “Marie Claire”, “Vogue”, “Boa Forma”,

²¹ Em setembro de 2006, um vídeo contendo cenas de sexo entre a apresentadora Daniela Cicarelli e seu namorado, em Cadiz, na Espanha, foram colocadas na internet, causando uma grande polêmica.

“Superinteressante”, “TPM”, “Recreio”, “Gênios”, “Ação Games”, “Placar”, “Revista O Globo” e “Canal Extra”.

Por serem segmentadas, ou seja, dirigidas a públicos específicos, divididos, principalmente, por gênero e faixa etária, ao contrário do que acontece com os jornais, as revistas foram lidas pelos alunos das duas escolas de acordo com os títulos que mais lhes agradavam. Nas duas escolas, as crianças demonstraram saber exatamente que tipo de reportagem encontrariam em cada publicação. Antes mesmo de a pesquisadora espalhar o material pelo chão, uma menina de 12 anos, na escola particular, pediu:

Larissa, 12 anos: Se tiver uma “Caras” já é minha! Ninguém mais pega!

Ainda assim, depois de um primeiro momento em que as escolhas foram feitas tendo como critério os nomes das revistas, ficou claro que as chamadas nas capas, bem como suas fotos principais, também serviam como guia de escolha, o que fez com que alguns alunos lessem publicações que não faziam parte de seu universo, somente por terem se interessado pelo que haviam lido ou visto na capa ou na primeira página. Uma menina de 11 anos, aluna da escola pública, por exemplo, resolveu abrir um exemplar da “Boa Forma”, revista com reportagens sobre “saúde”, “ginástica” e “alimentação” e explicou seus motivos:

Tainá, 11 anos: Eu olhei e achei legal por causa da atriz da capa [ela se refere à atriz Flávia Alessandra]. Mas a revista não é lá essas coisas, não... Nada me interessa muito. Queria mais saber da vida dela.

Sem dificuldade para manusear as publicações, diferentemente do que aconteceu com o jornal, os lugares escolhidos pelos alunos para a leitura das revistas foram diversificados: alguns leram no chão (recostados ou até mesmo deitados) e outros preferiram as cadeiras e mesas, mas nem sempre usando a mesa como apoio.

O interesse gerado pelo material, nas duas escolas, foi imediato. Todos os alunos leram, pelo menos, uma publicação cada e houve casos em que alguns me pediram até mesmo para levarem os exemplares casa. A revista “Placar”, que dedicava uma edição inteira à Copa do Mundo, com reportagens sobre as seleções, os jogadores e a competição em geral, foi requisitada por meninos das

duas escolas, que desejavam guardar a publicação, como fonte de informação e recordação.

Em entrevista ao sítio “Observatório da imprensa”²², Thomaz Souto Correa, que foi vice-presidente e diretor editorial do Grupo Abril, e hoje integra o Conselho de Administração e presta consultoria na área editorial da empresa, afirma que “*o que faz as revistas diferentes dos jornais são diversas coisas, e elas são mais ou menos óbvias. Uma é o objeto em si*”. Para Souto Correa, a revista seria um objeto mais amigável do que o jornal. Além disso, sua periodicidade, semanal, mensal ou quinzenal, faz com que seja mais aguardada, mais desejada e menos comum. As palavras de Souto Correa, de certa forma, se encaixam nas observações feitas nas oficinas:

“As revistas podem ser guardadas com mais facilidade, mas os jornais também podem ser guardados. Eu acho que é o formato, é o objeto em si. E o tipo de jornalismo que se faz na revista, sem essa pressão do tempo que o jornal tem, de ter que fechar todo dia”. (Souto Maior, em entrevista ao “Observatório da Imprensa”)

Chartier (2001) afirma que “*uma história do ler afirmará (...) que as significações dos textos, quaisquer que sejam, são constituídas (...) pelas leituras que se apoderam deles*” (p. 78). O teórico continua, ressaltando a importância de estarmos atentos às formas tipográficas, nesta história que ele chama de “história do ler”.

“(...) os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo”. (Chartier, 2001, p. 78)

Esse pensamento de Chartier explica alguns dos dados empíricos obtidos nesta pesquisa, se pensarmos nos diferentes graus de importância que as crianças participantes das oficinas dão ao “material jornal” e ao “material revista”. A revista, ao que parece, faz as vezes de um bem mais precioso, que merece ser guardado para ser lido e relido, como um almanaque, e tal fato pode estar

²² <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq041120032.htm>. Acesso em 05 de janeiro de 2007.

relacionado ao tipo de material com o qual é produzido. Não parece ter sido casual o desejo de muitas crianças de que o jornal “fosse mais colorido” ou “menos preto e branco”. É a revista que, com suas “formas tipográficas” próprias, ocupa o espaço desse desejo.

A intimidade que aparentam ter com revistas em geral foi percebida em ambas escolas. No debate que se seguiu à leitura, na escola pública, uma menina, de 12 anos, leu uma chamada de capa, referente à reportagem de que mais gostou, na revista “Marie Claire”. O assunto era “*Chapinha em cabelos molhados*”. Ao abrir a revista para procurar a matéria e dar mais detalhes para os amigos, outra menina, também de 12 anos, deu a sugestão: “*Dá uma olhada no índice!*”. O mesmo se repetiu na escola particular, onde alguns alunos sabiam até mesmo a ordem das seções de algumas revistas:

Carolina, 12 anos: No final da “Caras” sempre tem matérias de viagem, de moda e de culinária. E um anúncio de jóias também.

Apesar de os alunos terem ficado animados com a possibilidade de ler quantas revistas quisessem, alguns exemplares não despertaram nenhum interesse e, coincidentemente, os mesmos títulos foram esquecidos pelas crianças da escola pública e da escola particular, que não fizeram questão nem de abri-los. Foram eles: “Gênios”, voltada para o público infantil; “Viva Mais!”, revista popular, direcionada ao público feminino; e “Veja”, revista semanal de informação. As mesmas revistas que são encartadas em periódicos e que fizeram sucesso entre os alunos na oficina de leitura de jornais, como a “Revista O Globo” e a “Canal Extra”, não foram muito lidas na oficina de leitura de revistas, mesmo com edições diferentes daquelas que haviam sido disponibilizadas anteriormente, na oficina de leitura de jornais.

A atividade de leitura de revistas também foi pensada pela pesquisadora, inicialmente, como silenciosa e individual e, de certa forma, foi realmente mais individualizada que a de jornal. Apesar de as crianças ainda mostrarem umas para as outras durante a leitura o que haviam achado em suas revistas, isso aconteceu menos do que com os diários. A imagem que mais se viu durante essa atividade foi a de crianças lendo, silenciosamente, as revistas eleitas por cada uma. Todos tinham, pelo menos, uma revista cada um para acompanhar.

O jornal é, sem dúvida, um objeto mais estranho e com o qual as crianças têm menos contato, lêem menos. Ao se verem em uma atividade onde ler jornais era sua “obrigação”, os alunos provavelmente se depararam com informações com as quais se surpreenderam mais do que com as revistas. Além disso, o maior interesse em compartilhar a leitura do jornal com os amigos pode estar relacionada a uma maior legitimidade atribuída às informações veiculadas nos periódicos, vistos, freqüentemente, como mais confiáveis e sérios do que as revistas, sobretudo aquelas que os alunos escolheram para ler nas oficinas, como “Caras” e “Contigo”. Desse modo, informações veiculadas pelos jornais seriam socialmente mais valorizadas.

6.1.3

Escolhas e considerações dos alunos sobre jornais e revistas lidos

Ao realizarmos os grupos de leitura, de jornais e revistas, observou-se, acima de tudo, que o que levava as crianças a lerem, ou não, as reportagens, era seu assunto, ou tema principal, reconhecido, principalmente, através das imagens – fotos ou desenhos – contidas nas publicações. As imagens, muitas vezes, chamavam mais atenção que os títulos, como se fossem lidas antes das palavras. O jornal, que por muitas vezes figura como “chato” nas falas delas, mudava de posição a partir do momento em que um assunto “interessante” era detectado e tornava-se objeto de disputa entre as crianças. Tal fato se repetiu tanto na escola particular, quanto na pública.

Na primeira oficina de leitura de jornal, por exemplo, na escola particular, todos os alunos se interessaram por uma nota, em uma coluna de fofocas, no jornal “Expresso”, que tratava da vida da ex-participante do “Big Brother Brasil” e atriz, Grazielli Massafera. Eles não apenas deram início a uma discussão sobre o conteúdo da nota, mas também fizeram considerações sobre a vida da moça. Uma menina, de 12 anos, ao ler a notícia para os outros, mostrou também a foto da atriz.

Brenda, 12 anos: Deixa eu ler essa aqui para todo mundo, é sobre a “Grazi”. Ia ler sobre “Rebelde”, mas como sei que nem todo mundo gosta... [Todos ficaram em silêncio para ouvir]. “*Grazielli abre o jogo. Na capa de agosto da revista Nova, a ex-loura revela que nunca se envergonhou de ter sido miss e fala sobre nervosismo antes da estréia na novela*”.

Ben, 11 anos: Ela não era burra?

Brenda, 12 anos: Ela era loura!

[Ben se levanta do lugar onde está sentado na roda e tenta pegar o jornal da mão de Brenda].

Ben, 11 anos: Que novela ela vai fazer?

Carolina, 12 anos: “Páginas da Vida”!

Flávia, 11 anos: Eu sei que papel ela vai fazer, vai ser irmã da Olívia! E vai roubar o namorado dela.

Raffaella, 12 anos: Não, ela vai ser irmã da Sandra na novela. [Neste momento, todos, e não só Ben, quereriam ler o jornal que estava nas mãos de Brenda].

O jornal “Expresso”²³, cabe ressaltar, era desconhecido da maioria dos alunos da oficina na escola particular, que, à primeira vista, afirmaram que aquele parecia ser um jornal popular, voltado para pessoas com menor poder aquisitivo. Mesmo deixado de lado em um primeiro instante, quando os jornais foram espalhados pelo chão, ele passou a ser disputado, mostrando que o fato de ser um jornal desconhecido e, de início, “desprestigiado” entre eles, não impedia sua leitura, quando as crianças identificaram algo que chamou a atenção em seu conteúdo.

O mesmo aconteceu na atividade da escola pública. Quando se deram conta de que havia reportagens sobre o flagrante de Daniela Cicarelli e seu namorado na praia, notícia que já haviam acompanhado pela televisão e, principalmente, pela internet, no dia anterior, os alunos deram início a uma verdadeira busca pelos jornais que estavam espalhados no chão, não importando em que publicação estivesse a informação, ou de que tamanho fosse o texto. Foi neste mesmo grupo que, durante a oficina de leitura de revista, percebeu-se que duas revistas “Época”, que faziam parte do material levado pela pesquisadora, sequer foram tocadas pelos alunos. Outro exemplar da mesma revista, no entanto, que tinha, na capa, a foto da atriz Joana Mocarzel, que interpreta a personagem “Clara”, na novela “Páginas da Vida”, passou de mão em mão, sendo requisitada com frequência pelos alunos.

Neste ponto, gostaria de destacar novamente o que afirma Chartier (2004) acerca das clivagens, no que diz respeito à importância de não nos contentarmos com uma definição redutora do social e esquecendo que outras diferenças,

²³ O “Expresso” foi criado para atender às classes C/D do Rio de Janeiro, que representam 64% da população. O diário é dirigido, segundo seus editores, aos leitores que não têm o hábito da leitura diária do jornal e querem se manter informados, porém não dispõem de muito tempo para ler. Consumidores que gastam horas em transportes coletivos, transitando de casa para o trabalho e do trabalho para casa, e buscam a informação de maneira rápida, fácil de entender e barata. O preço do diário é R\$ 0,50. <http://www.infoglobo.com.br/conteudo.asp>. Acesso em 8 de janeiro de 2007.

baseadas, por exemplo, nas “pertencças sexuais”, “territoriais”, entre outras, também devem ser, sempre, consideradas. O que aqui se percebe é que há uma unidade de interesses entre as crianças, mesmo se tratando de grupos com origens sociais bastante diversas.

Neste caso, as constatações de Chartier sobre os livros pertencentes à Biblioteca Azul, uma fórmula editorial inventada pelos Oudot em Troyes, no século XVII, podem ser de grande valia. Caracterizados como livros baratos, impressos em grandes quantidade e vendidos por ambulantes, esses “livros azuis” eram compostos por textos de origens diversas, editados a preços baixos e com capa azul. Durante anos, talvez erroneamente, imaginou-se que seu público era basicamente popular e rural, o que Chartier questiona e, em alguns momentos, refuta.

A descoberta de uma notícia que lhes interessava era também o momento em que a maioria das crianças envolvidas na pesquisa abandonava um discurso recorrente entre elas: “*Este texto é muito grande, cansa e, por isso, eu não tenho vontade de ler*”. Ao se depararem com algo que despertava seu interesse, não se intimidavam com o tamanho das letras (muitas vezes consideradas “pequenas demais”) ou com a extensão da notícia, que poderia ir de uma “notinha” a uma reportagem de quatro páginas.

“Interessante”, na opinião das crianças, poderia ser qualquer reportagem ligada a temáticas já citadas anteriormente, como “fofocas” (duas das revistas mais disputadas na oficina de leitura foram “Caras” e “Contigo”), “programas de televisão”, “esportes”, “games”, “moda” e “música”, mas também algumas notícias fora deste universo, mais especificamente tudo aquilo que foge aos padrões da “normalidade”, de acordo com eles, ou seja, o que eles classificam como “reportagens bizarras” ou “chocantes”. Na escola particular, quando tiveram que separar uma notícia que gostariam de ler para os colegas, depois da leitura livre dos jornais, os alunos escolheram manchetes como “*Morte em dose dupla: aposentada quase é enterrada viva depois de ser dada como morta em hospital público*”, do jornal “Extra”; ou ainda “*Escada rolante deixa menina no hospital*”, do jornal “Meia Hora”. Na escola pública, notícias com o mesmo teor foram escolhidas para o debate, depois da leitura livre. Entre elas estavam “*Morte trágica em Santa Cruz: professora cai de ônibus e é atropelada*”, do jornal “O Dia”; e “*Cachorro maluco abocanha menina*”, do “Extra”.

Reportagens sobre violência e acidentes também são lidas com atenção pelas crianças, mas há, aí, uma diferença: o que buscam nas notícias de violência é, em geral, o que está, de certa forma, ligado ao seu mundo. Como atividade introdutória em vários encontros, a pesquisadora pedia que os alunos lembrassem de uma reportagem ou uma notícia de que tivessem lido ou ouvido falar durante a semana. Em quase todas essas atividades, os alunos lembravam de informações sobre a violência no Rio de Janeiro, mas as crianças citavam informações sobre o que ocorria mais próximo ao seu universo. Uma das reportagens mais lembrada por todos na escola particular, por exemplo, foi um caso de violência no trânsito: o acidente em que morreram cinco jovens no entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas, em setembro de 2006²⁴. Já na escola pública, os problemas de violência na Rocinha, comunidade onde muitos moram, foram citados por diversas vezes. Ainda assim, os alunos afirmaram que ouviram falar, mas não procuraram saber muito mais sobre os assuntos em questão porque “*não gostam de ler matérias sobre morte*”. As informações que repassavam na oficina eram, geralmente, segundo eles, notícias que haviam ouvido de seus próprios pais.

Raffaella, 12 anos: Eu queria falar um negócio sobre esse acidente da Lagoa, que todo mundo está discutindo. Acho que dois ou três dos adolescentes que morreram eram menores de idade. Eles estavam na boate até muito tarde e a mãe deles nem sentiu falta dos filhos.

Josy: E onde você viu essa informação?

Raffaella: Uma parte estava escrito no jornal. Outra foi o meu pai que me contou.

Esse dado é semelhante ao obtido por Garzel²⁵ (2004), que pesquisou de que maneira as crianças de uma escola de Florianópolis acessam notícias. Segundo ela, é da conversa com os parentes, como afirmaram 10% dos alunos pesquisados, que elas tomam conhecimento das informações. Seu discurso, desta forma, também é influenciado por esse parente mais velho e muitas vezes a

²⁴ Na madrugada de 3 de setembro de 2006, cinco jovens morreram em um acidente violento na Avenida Borges de Medeiros, na Lagoa. Por volta das 5h30m, o Honda Civic dirigido por um dos jovens, em alta velocidade, capotou várias vezes até bater em uma árvore. Os jovens tinham passado a noite na Sky Lounge, uma boate a poucos metros do acidente. <http://oglobo.globo.com/rio/transito/mat/2006/09/13/285638785.asp>. Acesso em 5 de janeiro de 2007.

²⁵ GARZEL, CLÁUDIA. *Jornalismo para crianças: estudo sobre as práticas culturais e consumo de mídia junto a crianças de 10 e 11 anos em Florianópolis* UFSC, 2004.

criança expressa a opinião dos próprios pais, não sabendo, depois, como explicá-la.

Outro assunto que claramente desperta o interesse dos alunos, é o tema “escola”. Em duas ocasiões específicas, os alunos dos dois colégios se mostraram muito receptivos a matérias sobre esse assunto e fizeram questão de dividir com os colegas o que haviam lido a respeito nas revistas e nos jornais levados pela pesquisadora. Uma das reportagens, encontrada em uma revista “Capricho”, mostrava escolas diferentes do convencional, com exemplos de instituições que não aplicam provas ou que não possuem diretores. Outra, em uma edição do “Globinho”, que estava em meio a outros jornais espalhados pelo chão, mostrava a evolução dos uniformes nas escolas brasileiras, ao longo do século XXI. Essas reportagens não só foram discutidas pelos alunos, mas também trouxeram para a oficina outros debates, como um sobre a novela “Rebelde”, que se passa em um colégio interno. Transcrevo abaixo:

Stefanie, 12 anos: Esses uniformes antigos dessa matéria são engraçados.

Sabrina, 13 anos: É, mas os nossos, aqui da escola, são horríveis.

Josy: Vocês acham os uniformes que usam feios?

Rian, 11 anos: Parece de gari, professora!

Josy: Vocês prefeririam não usar uniforme?

Sabrina, 13 anos: Com certeza! [todos concordaram]

Suzana, 12 anos: Só se fosse que nem os uniformes das meninas do “Rebelde”.

Josy: Por quê?

Suzana, 12 anos: Porque são mais bonitos, mas acho que eles só têm a ver com a escola em que eles estudam mesmo.

Josy: E que tipo de escola é?

Suzana, 12 anos: Colégio interno, desses que existem em outros países.

Josy: E seria legal estudar em uma escola assim?

Sabrina, 13 anos: Acho que sim. Você fica com seus amigos o tempo todo, mora com eles, passa o fim de semana com eles...

Notícias não são encontradas somente no jornal impresso, segundo os alunos da escola pública. Ao lerem jornais em nossas oficinas, grande parte das crianças, apesar da animação com o material, questionaram a importância de se ler textos com informações que podem obter por meio da televisão. Neste caso, eles se referem apenas a reportagens com conteúdos considerados “sérios demais” por eles, como “política”, “economia” e informações sobre a cidade. Como foi dito anteriormente, o conteúdo que lhes é interessante, verdadeiramente, continua sendo procurado, mesmo se tiver sido visto na televisão ou na internet.

Ramon, 12 anos: Tem muita coisa aqui que eu já vi ontem, no jornal da televisão.

Matheus, 12 anos: Pois é, por que as pessoas precisam gastar um tempão lendo se podem saber de tudo só assistindo TV?

Fato parecido ocorre com a internet, principalmente na escola particular. As informações que mais buscaram em jornais e revistas, que diziam respeito à vida e à privacidade das chamadas “celebridades”, já haviam sido vistas por eles em sítios especializados, como “O Fuxico” e “Babado”.

Brenda, 12 anos: Tem uma notícia aqui, que saiu no “Extra” e no “Meia Hora”, que eu já conhecia.

Josy: Qual?

Brenda, 12 anos: Uma que diz que as meninas do grupo RBD, que são atrizes da novela Rebelde, não podem engravidar por causa de um contrato. E que os meninos da banda também não podem se meter em brigas.

Josy: E como você já sabia disso?

Brenda, 12 anos: Eu tinha lido ontem na internet.

Somente os alunos da escola particular apontaram erros em jornais, percebidos, segundo eles, em nossas oficinas de leitura e nas leituras feitas, normalmente, em casa. Eles foram unânimes ao afirmarem que o “*jornal também falha*”, em diversos sentidos, fazendo com que seja possível encontrar erros de português e de digitação em algumas publicações.

Brenda, 12 anos: Eu já vi miçanga escrito com dois “esses”, assim: missanga.

Josy: E em que jornal foi isso?

Brenda, 12 anos: Agora não me lembro se foi em um anúncio ou uma reportagem. Mas foi num jornal de papel, tenho certeza.

Patrick, 11 anos: Eu também já vi erro. Já vi escrito “diav”, em vez de “dias”.

Ben, 11 anos: Esses erros acontecem no “Lance!” direto. Sempre tem alguém que digita algo errado.

Nenhum deles, no entanto, disse ter visto algum erro desse tipo em revistas. Para essas crianças, “*as revistas são mais bem feitas*” e “*levam mais tempo para ficarem prontas*”, motivos apontados para não existirem falhas nessas publicações. Outro “problema dos jornais”, lembrado por um menino, de 11 anos, da escola particular, está relacionado a reportagens de opinião e interesses comerciais.

Ben, 11 anos: Aquele “Bonequinho” da crítica do Globo... Aquilo é tudo armado!

Josy: Por quê, Ben?

Ben, 11 anos: Eu fui ver o filme do “Casseta e Planeta” no fim de semana. O filme é horrível, mas o bonequinho dizia que era bom. Você acha que o jornal “O Globo” ia falar mal de um filme feito por pessoas da “Globo”? E o bonequinho influencia as pessoas a verem os filmes!

Bruna, 12 anos: Eu acho que às vezes o dinheiro influencia. Alguém manda e os jornalistas obedecem.

Brenda, 12 anos: Eu acho que eles botam a opinião deles, nas críticas. Se eles viram e não gostaram, dizem que o filme é ruim. Mas eu não sigo esse bonequinho: esses críticos têm um gosto muito estranho!

6.2

A recepção de veículos impressos voltados para o público infantil

Antes que déssemos início às oficinas de leitura específicas dos veículos jornalísticos voltados para o público infantil, a revista “Recreio” e o suplemento “Globinho”, propus uma atividade para ouvir dos participantes o que conheciam sobre as duas publicações com as quais iríamos trabalhar, se se consideravam parte do público alvo dos impressos em questão, além de suas considerações sobre a relação entre crianças e jornais. Uma caixa com perguntas foi a estratégia utilizada, para que a atividade ficasse mais leve, ganhando um tom de brincadeira, e os alunos se sentissem mais à vontade para expressar suas opiniões. Sentadas em cadeiras, em círculo, eles deveriam passar a caixa de mão em mão e cada um sorteava uma pergunta, que deveria ser discutida por todos. As perguntas que fizeram parte da atividade foram:

- Você se considera criança?
- Criança gosta de jornal?
- Criança gosta de revista?
- Que qualidades deve ter um jornalista que escreve para crianças?
- Você lembra de alguma reportagem que tenha lido no Globinho?
- Você se lembra de alguma reportagem que tenha lido na Recreio?
- O que um jornal ou uma revista para crianças deve ter?

A idéia da caixa de perguntas foi muito bem aceita nas oficinas das duas escolas. Curiosos, os alunos abriam os papéis de perguntas com extrema atenção e a atividade manteve esse ritmo até o final. Todos queriam sortear uma pergunta e, após o sorteio, queriam dar suas opiniões e contar histórias.

Pelo que foi discutido na oficina, é possível concluir que as crianças tinham um conhecimento pouco aprofundado sobre os veículos em questão, apesar de já terem visto as publicações e saberem a que público se destinam. Ouvindo suas respostas, ficou claro que quase nenhuma delas era leitora fiel desse tipo de impresso, nem só do Globinho e da Recreio, mas de outros veículos destinados ao público infantil. Na escola particular, por exemplo, algumas crianças afirmaram conhecer as publicações e lembravam de reportagens que haviam lido em ambas publicações. Uma menina de 12 anos afirmou ter visto, no “Globinho”, duas reportagens nos últimos meses. Outro aluno, de 11 anos, lembrou de uma matéria que teve como personagens outros alunos do colégio em que estuda. É ele quem lembra da campanha “Globinho nas Eleições”, que o suplemento promoveu durante a campanha presidencial. Outra aluna, de 11 anos, mencionou que só conseguia lembrar da parte que publica os desenhos das crianças. Sobre a “Recreio”, as crianças da escola particular lembraram, principalmente, dos brindes distribuídos com a publicação. Outras mencionaram os passatempos e as histórias em quadrinhos, mas nenhuma conseguiu lembrar de uma reportagem de capa.

Na escola pública, metade das crianças afirmou já ter lido, pelo menos uma vez, o “Globinho”. Um pouco menos, cerca de nove, dos 30 participantes presentes, disseram já ter folheado a revista “Recreio”. Apenas uma menina lembrou de uma reportagem que já havia lido no “Globinho”, que ela diz ter sido sobre a Amazônia. Os participantes lembraram de reportagens sobre “games”, da revista “Recreio”, e dos passatempos.

Uma diferença clara entre as opiniões dos alunos das duas escolas diz respeito ao fato de se considerarem, ou não, crianças. A maioria dos alunos da escola particular se considera criança. Já grande parte dos alunos da escola pública se define como adolescente. Na opinião dos participantes do primeiro grupo, idades a partir dos 14 anos marcam o fim da infância. “*Eu acho que ainda sou criança, mas daqui a uns dois ou três anos, sei lá...*”, disse um menino de 11 anos da escola particular. Outros participantes afirmaram que por “*ainda brincarem*” e “*terem pessoas que ainda cuidam deles*” podem se considerar crianças. Já para o grupo da escola pública, a idade que marca o fim da infância é 10 anos. Muitos se dizem adolescentes ou pré-adolescentes. Outros brincam, dizendo que dão muito trabalho para os pais, são “rebeldes”, e por isso se auto-intitulam “aborrecentes”.

Ao serem perguntados se criança gosta de ler jornal, as crianças de ambas escolas foram unânimes em dizer que não. “*Criança gosta é de histórias em quadrinhos!*”, exclamou um menino de 11 anos da escola particular. Nesse mesmo grupo, outra menina considerou que as crianças podem, talvez, gostar do “Globinho”, ao passo que sua amiga, que estava ao lado, respondeu: “*Eu gosto de Revista da TV!*”. Na escola pública, grande parte dos alunos afirmou que jornal “*não é coisa para criança*” por ser muito sério, ter notícias chatas e desinteressantes.

As qualidades de um repórter que escreve para crianças foram mais discutidas pelos alunos da escola particular:

Michelle, 11 anos: Ele tem que ser legal.

Brenda, 12 anos: Ele tem que saber escrever, saber falar. Ele tem que saber o vocabulário das crianças!

Carolina, 12 anos: Ele tem que ter um filho! Isso pode ajudar, né?

Na escola pública, nenhuma das crianças quis responder a essa questão. Já sobre o que um jornal para crianças deveria ter, os alunos, tanto da escola pública, quanto da escola particular, foram enfáticos: “histórias em quadrinhos” e “passatempos”, como caça-palavras e palavras cruzadas. Depois das duas primeiras escolhas, alguns poucos citaram “fofocas” e “material para pesquisa escolar”.

6.2.1 Lendo “Globinho”

Depois do reconhecimento sobre a imagem que as crianças envolvidas na pesquisa faziam da mídia infantil, uma oficina de leitura só com exemplares do “Globinho” foi realizada. Eles foram dispostos sobre as mesas, os alunos puderam escolher o que gostariam de ler e realizaram a leitura por cerca de trinta minutos. Para lerem as publicações, eles se dividiram: houve aqueles que preferiram ler sentados em cadeiras, apoiados, ou não, sobre as mesas e houve um pequeno número que se sentou no chão. A atividade, prevista para ser uma leitura silenciosa e individual, transcorreu desta forma, com a maioria dos alunos lendo os exemplares sozinhos, em ambas escolas, com apenas algumas poucas interferências dos colegas. Durante a primeira grande leitura de jornais, em que o

material era composto pelos principais jornais do Rio de Janeiro e seus suplementos, o “Globinho” havia sido escolhido para a leitura por duas crianças, na escola pública, e outras duas, na escola particular.

A primeira impressão que a pesquisadora teve, ao distribuir os Globinhos, foi que quase todos os alunos mostraram interesse em ver e folhear o material. Apenas as meninas de mais idade, com cerca de 13 e 14 anos, da escola pública, não se interessaram, sem vontade de ler ou pegar os suplementos.

Os resultados desta atividade são muito parecidos nas duas instituições. O primeiro pedido por parte de todos os participantes era pelos passatempos. Os alunos expressaram a vontade de completar as palavras cruzadas, os percursos de labirintos ou os jogos de 7 erros, que fazem parte da seção “Passatempos” do caderno. Houve ainda uma enorme procura por um jogo que tem sido encartado no “Globinho”, nos últimos meses, mas que não faz parte de seu conteúdo editorial, pois é, na verdade, parte de uma campanha publicitária. Ocupando duas páginas inteiras da publicação, o jogo é uma pista de carros de corrida, que pode ser colado em uma cartolina para ser usado como tabuleiro. Na mesma página, as crianças encontram os carros, que devem ser recortados para servir de peões, e um dado para ser montado. A estratégia de *marketing*, aparentemente simples, faz um grande sucesso entre os meninos, que desejam levar as folhas para poderem montar o jogo em casa, mesmo em um tempo em que a maioria está mais acostumada a modernos jogos de vídeo game e outras brincadeiras eletrônicas. Com os passatempos em geral, que adotam antigas fórmulas como caça-palavras e palavras cruzadas, acontece o mesmo: não houve uma criança participante das oficinas que dissesse não gostar de completar esses jogos. Muitas delas, aliás, acreditam que jornais e revistas para crianças deveriam ser feitos só de passatempos.

Tiago, 11 anos: Eu gosto dos “passatempos” e dos “quadrinhos”. Só.

Josy: Por quê?

Tiago, 11 anos: Porque é divertido e eu não preciso ler muito...

Em um segundo momento, o interesse das crianças voltou-se para as histórias em quadrinhos, que, para elas, ainda têm pouco espaço no Globinho.

Eric, 11 anos: Por que tem tão poucas histórias em quadrinhos?

Paula, 11 anos: Justamente a melhor parte. E eles nem dão valor.

As “histórias em quadrinhos” são fundamentais, segundo esses alunos. Ao realizarmos a oficina de leitura de revistas voltadas para públicos diferenciados, muitas lembraram que são fãs incondicionais de gibis, principalmente os da “Turma da Mônica”.

O jornalista e cartunista José Alberto Lovetro (1994) afirma que “*as histórias em quadrinhos se colocam como uma forma de unir o visual e a palavra numa mescla mágica de várias linguagens artísticas*”. A importância de se ler quadrinhos, segundo ele, está no fato de que, enquanto o cinema e a TV nos dão imagens prontas, sem possibilidade de retorno, o quadrinho mostra uma seqüência intercalada por espaços vazios, onde nossa imaginação cria imagens de ligação. Entre um quadrinho e outro, a ação tem continuidade na cabeça do leitor. É assim que eles dão ao leitor a chance de usar sua imaginação criadora. Há ainda alguns detalhes, relacionados pelo autor, que podem explicar, junto ao que já foi dito anteriormente, a adoração das crianças por esse tipo de leitura: o impacto visual, ou seja, o encanto pelo desenho; a possibilidade de imaginar as vozes de personagens que se tornam queridos pelos leitores; a interpretação própria dos diversos sons emitidos pelos personagens, através da grafia da onomatopéia; entre outros.

Depois de passatempos e histórias em quadrinhos, o interesse dos alunos parecia estar voltado para a seção “Mural”, onde são publicados cartas e desenhos de crianças, além das duas reportagens que o “Globinho” oferece como possíveis capas da semana seguinte. Houve discussões, em ambas escolas, sobre os desenhos de crianças apresentados no suplemento, se eram bonitos ou feios, se mereciam estar ali, ou não, e também se as poesias eram bem escritas. Sobre a escolha de capa, feita pelos leitores mirins pela internet, os alunos afirmaram que a idéia era original e que consultar as crianças antes de publicar uma reportagem parecia ser uma decisão acertada.

As reportagens de capa e as notícias da seção “Notícias Miúdas” foram as partes do jornal que, comparativamente ao resto do suplemento, menos interessaram aos alunos. Apenas uma menina da escola particular, de 12 anos, citou a matéria principal como a melhor parte do “Globinho”. Na escola municipal, foram três as crianças que se interessaram mais pela reportagem de capa do que pelas outras seções do suplemento. O “Notícias Miúdas” só foi citado

uma vez, por uma menina de 12 anos, da escola municipal, que achou a notícia sobre uma mulher que havia feito transplante de rosto muito interessante.

Nas oficinas foram detectados alguns dos motivos do pouco interesse das crianças pelas reportagens jornalísticas. O primeiro é que o tema das matérias precisa ser conhecido das crianças de imediato ou ser algo que nelas desperte grande curiosidade. Como foi dito anteriormente, os participantes já haviam dado indícios que só se dão ao trabalho de ler algo se o tema for de seu interesse, já que o assunto da matéria (e não o apenas o seu texto ou o desenho da página) é o que mais conta. A reportagem que chamou a atenção da menina da escola particular, de 12 anos, por exemplo, contava um pouco da vida de Anne Frank²⁶, cujo livro ela já havia lido. Assim que viu a foto e o título, essa menina apoderou-se da publicação que, segundo ela, tinha “informações valiosas”. O mesmo aconteceu na escola pública: as crianças que buscaram as reportagens de capa o fizeram porque os assuntos foram prontamente reconhecidos como de seu interesse. Uma menina de 11 anos, por exemplo, quis ler sobre os pais famosos dos desenhos animados, em uma reportagem especial de Dia dos Pais. Além de matérias sobre desenhos animados, outras reportagens que foram bem cotadas pelos participantes foram as que envolviam filmes que eles já haviam visto no cinema e gostado, o tema “escola”, ou ainda sobre crianças, principalmente no papel de repórteres. Um texto que chamou muito a atenção foi o de uma entrevista com os apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner, feita por crianças de 10 e 11 anos.

Jacimara, 11 anos: Eu gosto porque é muito bom ver gente da nossa idade entrevistando alguém. Eu também gostaria de entrevistar a Fátima Bernardes e o William Bonner.

Suzana, 12 anos: Eles são famosos. Isso também é legal.

O jornalista Mike Jempson (2002), Coordenador dos Direitos da Criança na Mídia da International Federation of Journalists (IFJ), trabalhou com crianças

²⁶ Anne Frank foi uma judia obrigada a viver escondida dos nazistas durante o Holocausto. Dos 13 aos 15 anos, a menina e sua família, juntamente com outras quatro pessoas, viveram 25 meses em um anexo de quartos por cima do escritório do pai dela, em Amsterdã, durante a Segunda Guerra Mundial. Enquanto vivia neste anexo secreto, Anne escrevia em seu diário o que sentia, pensava e fazia. O diário, guardado por Miep Gies, secretária do pai de Anne, que os ajudou durante os anos em que estiveram escondidos, foi publicado pela primeira vez em 1947 e já foi traduzido para 67 línguas. Informações obtidas através do site da organização “Anne Frank Center”: http://www.annefrank.com/1_life.htm Acesso em 15 de janeiro de 2007.

na produção de jornais e cita alguns pontos definidos por elas próprias quando perguntadas sobre o que esperam dos profissionais de mídia impressa.

“Deixem as crianças falarem por si mesmas. Tratem as crianças como iguais, ou seja, seres humanos como outros quaisquer. Perguntem às crianças o que elas acham de problemas cobertos pela mídia. (...) Deixem as crianças serem elas mesmas e não o que outras pessoas querem que elas sejam. Levem as opiniões das crianças a sério.” (Jemson, 2002, p.121)

Jemson ainda joga luz sobre outro ponto interessante, quando cita o que as crianças desaprovam no tratamento que recebem da mídia impressa. Um dos dados revela que esses pequenos leitores se queixam do fato de adultos falarem por eles em algumas reportagens, quando eles mesmos sabem mais ou poderiam acrescentar algo sobre um determinado assunto.

O segundo motivo é que alguns dos assuntos das reportagens de capa lembram, aos alunos, o que é visto e estudado em sala de aula. Apesar de se interessarem pelo tema “escola”, em textos sobre “uniformes”, “bandas formadas por colegas de turma” ou ainda “escolas que apresentam uma organização diferente do convencional”, essas crianças desprezam o que, para eles, tem “*cara de estudo*”. Tal fato aconteceu nas duas escolas. No colégio particular, um menino, de 12 anos, tinha em suas mãos uma edição do “Globinho”, cuja capa tinha o título “Caça-palavras”, envolvido por uma porção de letras espalhadas pela página. Logo abaixo, em letras menores, o subtítulo explicava: “*Como surgiram expressões como ‘pagar mico’, ‘pão-duro’, ‘puxa-saco’ e muitas outras*”. Sem ao menos ter lido esse subtítulo, o menino fez questão de dizer que achava aquela reportagem muito chata, mesmo tendo cara de passatempo, já que lembrava as aulas de Português. O mesmo aconteceu com a reportagem que falava sobre as eleições para as sete novas maravilhas do mundo. Com uma grande foto que mostrava as Pirâmides de Gizé, no Egito, a capa tinha como título “*Que maravilha!*” e como subtítulo “*Saiba quais são as Sete Maravilhas do Mundo e ajude a escolher as novas*”. Para os alunos, aquele era um tema típico das aulas de História, que eles diziam não ter interesse em ver mais uma vez.

O curioso em relação a essas impressões ruins sobre certas chamadas de capa é que, quando propus que lêssemos trechos das duas reportagens citadas, na discussão que se seguiu à leitura dos “Globinhos”, as crianças demonstraram certa resistência, mas consentiram. Depois das leituras, a situação se reverteu e várias

delas, na escola particular, disputaram os exemplares para finalizarem a leitura, já que não lemos as reportagens inteiras. O mesmo aconteceu com uma notícia divulgada em “Notícias Miúdas”, sobre uma baleia que havia aparecido no Rio Tamisa, em Londres. O que, à princípio, pareceu para os alunos da escola pública uma informação sobre um lugar distante e que, segundo alguns, necessitava de conhecimentos históricos e geográficos para compreender a informação, ganhou novo tratamento depois de lermos, em conjunto, a notícia. As crianças se mostraram dispostas a ler as informações até o final, riram e começaram a imaginar o que aconteceria se aparecesse uma baleia em um dos rios da cidade ou na Lagoa Rodrigo de Freitas.

Em entrevista concedida a Marisa Vorraber Costa (2003), no livro “A escola tem futuro?”, José Carlos Libâneo afirma que a escola precisa compreender que está frente a novos desafios e se dar conta de que é necessário que o ambiente escolar seja “um espaço de síntese”. Uma síntese, de acordo com ele, “*entre a cultura experienciada do que ocorre na comunidade, na cidade, na rua, nas praças, nos pontos de encontro, nos meios de comunicação, (...) além da cultura formal que a escola apresenta*” (p. 25). O que se percebe, a partir das falas dos alunos, é que a escola ainda não dá conta de ser esse espaço de síntese, privilegiando apenas o formal. E é desse formal que as crianças tentam se ver livres quando não estão em sala de aula. Braga e Calazans (2001) enfatizam que as aprendizagens escolares contribuem para a socialização do indivíduo, já que fornecem insumos e caminhos que o inscrevem e o direcionam na sociedade. Isso, porém, não está relacionado diretamente à força da coisa aprendida, mas sim na medida em que essa aquisição seja vivida como experiência relevante.

6.2.2 **Lendo “Recreio”**

Da mesma maneira que foi conduzida a oficina de leitura dos exemplares do “Globinho”, realizamos também uma atividade só com revistas “Recreio”. As publicações foram dispostas sobre as mesas, para que as crianças pudessem escolher o que gostariam de ler por cerca de trinta minutos. As opiniões sobre a revista divergiram de uma escola para a outra e até mesmo entre alunos de uma mesma escola, com idades diferentes. A facilidade com que manusearam a publicação foi a mesma observada na oficina com os exemplares do suplemento

infantil de “O Globo”. As posições escolhidas para a leitura foram variadas, desde recostados em cadeiras até sentados no chão. De maneira geral, as crianças pareciam bem relaxadas ao lerem as revistas e as folheavam, em sua maioria, diferentemente do que aconteceu com o “Globinho”, de trás para frente. Isso pode ser explicado porque, logo de início, elas se deram conta de que “passatempos”, “histórias em quadrinhos” e “piadas”, seções mais interessantes apontadas por elas, estavam nas páginas finais do impresso. Como a revista possui cerca de 40 páginas, contra apenas oito do “Globinho”, ficava mais fácil chegar às seções preferidas desse jeito, segundo alguns deles. Durante a oficina de leitura de revistas, em que havia exemplares da “Recreio” em meio a outras publicações de grande circulação no Brasil, a revista foi bastante lida, tendo sido escolhida por três crianças na escola particular e outras quatro na escola pública.

A oficina havia sido pensada como uma atividade de leitura silenciosa e individual, mas alguns alunos, principalmente na escola pública, se reuniram em grupos de três a quatro pessoas para completarem alguns dos passatempos em grupo. Isso aconteceu, principalmente, com jogos que podiam ser feitos por mais de uma pessoa ao mesmo tempo, como um desenho de um labirinto que apresentava quatro possíveis caminhos. Sentados em volta da revista, cada aluno percorria um caminho escolhido previamente, esquematizando, assim, uma espécie de competição. Na escola particular, duplas se formaram para ler as matérias que consideravam mais interessantes. Alguns alunos, não contentes com as publicações que haviam escolhido de início e curiosos para ler a edição que estava na mão de um colega, questionaram se poderiam ler em conjunto. A pesquisadora não fez qualquer tipo de restrição. Houve grupos formados, principalmente, para ler três reportagens: uma sobre o filme do bruxo “Harry Potter”, publicada em novembro de 2005, e outra sobre a nova versão do filme “A Fantástica Fábrica de Chocolates”²⁷, publicada em fevereiro de 2006, e outra sobre o “Bob Esponja”²⁸, publicada em dezembro de 2005.

²⁷ “A Fantástica Fábrica de Chocolates” (“Charlie and the Chocolate Factory”, no original) conta a história do menino Charlie Bucket, de origem pobre, que ganha a chance de conhecer a fábrica de chocolates de Willy Wonka, junto com outras quatro crianças. O filme foi lançado, pela primeira vez, em 1971. Em 2005, foi filmada uma nova versão, da qual trata a reportagem da revista “Recreio”, citada nesta pesquisa. Informações obtidas através do site: <http://imdb.com>. Acesso em 5 de janeiro de 2007.

²⁸ “Bob Esponja Calça Quadrada” (“Spongebob Squarepants”, no original) é um desenho animado criado por Stephen Hillenburg e conta a história de uma esponja amarela e seus amigos, que vivem no fundo do mar. Atualmente a animação é exibida no canal de TV por assinatura Nickelodeon e

Tanto na escola particular, como na escola pública, a revista foi, de certa forma, rejeitada pelos alunos mais velhos, aqueles com mais de 12 anos, que afirmaram que a publicação era “muito infantil”. Os passatempos, em ambas escolas, foram citados como a melhor parte da revista. Alguns alunos se diziam impressionados com a qualidade de certos desenhos que faziam parte da seção dessa seção.

Eric, 11 anos: Tem uma parte da revista que eu li que parece aqueles desenhos do livro “Onde está Wally”²⁹, sabe? Você tem que procurar algum objeto perdido na cena. Quem desenhou aquilo deve ter levado um tempão. Adorei.

Depois dos passatempos, mais uma vez, as histórias em quadrinhos foram as preferidas das crianças, que elogiaram o fato de haver muitas páginas na revista voltadas para essa seção. As reportagens sobre “games”, que mostram truques para serem usados nos jogos eletrônicos, foram bastante procuradas pelos meninos da escola pública. Na escola particular, depois dos passatempos e das histórias em quadrinhos, a maior procura foi pelas seções de piadas e testes.

Assim como com o “Globinho”, poucas reportagens de capa foram citadas pelas crianças como a melhor parte da revista. Mesmo demonstrando grande interesse por desenhos animados, um dos temas mais constantes nas matérias principais das revistas “Recreio”, os alunos rejeitaram grande parte das reportagens jornalísticas sobre o assunto por não conhecerem alguns dos desenhos abordados.

Patrick, 11 anos: A parte que eu menos gostei foi essa que tem o título “Se liga, Ian”³⁰.

Josy: Por quê?

na TV Globo. Informações obtidas através do site:

<http://www.nick.com/all_nick/tv_supersites/display_show.jhtml?show_id=spo>. Acesso em 5 de janeiro de 2007.

²⁹ “Onde está Wally? (Where’s Wally?, no original) é uma série de livros criada pelo ilustrador britânico Martin Handford. Lançada pela primeira vez em 1987, a publicação traz o personagem Wally desenhado em meio a dezenas ou centenas de pessoas, cabendo aos leitores encontrá-lo. A marca “Onde está Wally?” já foi adaptada para 33 países e, em alguns deles, o personagem principal ganhou novo nome. No Brasil, seguimos o original. Segundo registros, já foram vendidos mais de 43 milhões de livros em todo o mundo. Informações obtidas através do site oficial: <http://www.thegreatpicturehunt.com> Acesso em 5 de janeiro de 2007.

³⁰ “Se liga, Ian”, desenho animado, foi lançado em fevereiro de 2006, pelo canal de TV por assinatura “Cartoon Network, tendo como estrela o garoto Ian Kelley, que come, dorme e respira cinema. Para Ian, a vida é um set de filmagem, em que ele é o diretor. Informações obtidas através do site: <<http://www.cartoonnetwork.com.br>>. Acesso em 5 de janeiro de 2007.

Patrick, 11 anos: É muito estranho. Nunca tinha ouvido falar desse desenho. Por que eles dão tanto texto para uma “parada” desconhecida?

O preço da revista, considerado muito alto pelos alunos das duas escolas, foi motivo de debate acalorado depois de uma leitura individualizada. Algumas crianças se disseram impressionadas “*por ter gente que gasta tanto com uma simples revista*”, mas uma menina, de 12 anos, na escola particular, lembrou que o preço elevado pode ser explicado pelos brindes que ela reconhece que são “bons” e são distribuídos na compra da publicação. Toda “Recreio” tem um brinde em cada edição, muitos deles distribuídos em séries colecionáveis.

Tommy, 12 anos: Agora me diz, quem é que paga R\$ 9,95 [ele confere o preço na capa] por essa revista e fica feliz? Isso é jogar dinheiro fora!

Carolina, 12 anos: Mas ela vem com brinde e tem muita criança que gosta. Acho que tem gente que só deve comprar pelo brinde mesmo.

Uma última seção foi citada pelas crianças como uma de suas preferidas. A parte, que se chama “Curiosidades” e ocupa duas páginas da revista, geralmente no início, é composta de perguntas sobre os mais variados assuntos, enviadas pelas crianças, que são respondidas por profissionais especializados. Um menino de 12 anos, da escola pública, chamou a atenção para uma questão que considerou “*muito engraçada*” e que, por isso, teve vontade de ler. “*Tem um menino aqui que perguntou: ‘Por que após tomar refrigerante ficamos com vontade de arrotar?’.* Muito maneiro. E eles ainda responderam!”.

6.2.3 Comparando reportagens de capa

Como parte das oficinas de leitura das publicações “Globinho” e “Recreio”, depois do reconhecimento dos dois impressos, realizamos uma atividade de leitura em grupo para comparação de duas reportagens de capa dos dois veículos. A seleção das matérias foi feita com base nas opiniões das crianças, a partir de seus temas favoritos. Para um melhor efeito de comparação, os textos das duas publicações tinham uma estrutura parecida, sendo os dois entrevistas em formato corpo a corpo³¹, de perguntas e respostas, e tratavam do mesmo assunto:

³¹ Entrevistas em formato corpo a corpo são aquelas que reproduzem perguntas e respostas.

o desenho “Bob Esponja Calças Quadradas”. Uma diferença era evidente: a reportagem do “Globinho” era uma entrevista com Tim Hill, um dos roteiristas do desenho animado, publicada em novembro de 2004³²; já a matéria da “Recreio” era uma entrevista com o próprio Bob Esponja, a partir de perguntas enviadas pelas crianças, publicada em 2006³³. As páginas que compunham as reportagens foram fotocopiadas e cada criança recebeu uma cópia.

A idéia da leitura em grupo, com revezamento de leitura em voz alta, pareceu ser muito agradável para as crianças de todos os grupos da oficina. Mesmo as poucas que diziam não se identificar com o personagem ou com desenhos animados em geral se ofereceram para ler, o que foi solucionado a partir de um rodízio de leitores, para que todos pudessem participar. Propus aos alunos das duas escolas que sentássemos no chão, mas a sugestão só foi acatada na escola particular, onde, durante a leitura, muitos deles, inclusive, se deitaram. Na escola pública, os alunos quiseram se sentar em volta de uma grande mesa, onde todos se viam e, ao mesmo tempo, poderiam ler com os papéis apoiados sobre a mesa. Eles não queriam sentar-se no chão, pois alegavam que era muito sujo e, por vezes, frio, já que era feito com azulejos.

O que mais chamou a atenção das crianças das duas escolas, comparando as duas reportagens, foi o desenho das páginas da “Recreio”. Com um *design* claro e limpo, o principal diferencial em relação ao desenho das páginas, segundo as crianças, em especial as meninas, eram os desenhos do rosto do Bob Esponja, dispostos entre as perguntas, como se fossem fotografias tiradas em close, com diversas expressões faciais. Pelo menos quatro meninas, alunas das duas escolas, pediram para levar as páginas para casa, a fim de guardarem, colorirem ou decorarem seus quartos e agendas.

Os alunos da escola particular logo notaram a diferença no conteúdo das duas revistas, uma vez que os entrevistados eram diferentes. Para os alunos da escola pública, a primeira diferença percebida foi quanto aos autores da entrevista: em um, era o próprio suplemento; em outro, os leitores, que haviam mandado perguntas para revista.

³² A reportagem foi publicada no caderno “Globinho”, do jornal “O Globo”, em 31/07/2004. Ver anexos.

³³ A reportagem foi publicada na revista “Recreio”, da editora Abril, em 22/12/2005. Ver anexos.

Os modos de leitura em ambas as turmas foram iguais para as duas matérias. O tipo de linguagem usada nas duas publicações foi considerado, por todos, muito parecido. O que se constatou, a partir das leituras em voz alta, é que os alunos da escola pública, em geral, aparentam ter mais dificuldades para ler um texto corretamente: não pontuam as frases ao lerem, acompanham o texto com mais lentidão e facilmente engasgam com palavras compridas, o que acontece com menos frequência na escola particular. Mesmo assim, isso não é impedimento para que a maioria dos alunos queira ler em voz alta.

Ainda que a grande maioria das crianças das duas escolas tenha considerado as reportagens bobas, por conterem fatos que eles sabem ser inverídicos, como, por exemplo, o fato de Bob Esponja responder às perguntas da Recreio ou de Tim Hill, roteirista do desenho, dar a entender que já teria conversado com o próprio personagem, mesmo o personagem não existindo “no mundo real”, muitos deles disseram que gostariam de ler as reportagens por causa do assunto, que lhes é interessante. O diálogo que se segue aconteceu na oficina da escola particular:

Patrick, 11 anos: Eu estou achando meio “mongol”, acho que as crianças pequenas gostariam de ler isso (ele se refere às duas reportagens, de uma forma geral).

Larissa, 12 anos: É, pode ser... Mas eu leria até o final porque amo o Bob Esponja e adoro tudo que tem a ver com o desenho.

Rachel, 12 anos: Eu acho que essa coisa de achar “mongol” depende muito. Tem gente que vai achar sem graça, por exemplo, fingir que está entrevistando o próprio Bob Esponja, mas tem gente que pode achar uma boa idéia.

Josy: E você, Rachel, o que acha?

Rachel, 12 anos: Eu acho meio bobo, mas gosto do Bob Esponja e quero levar essas páginas da Recreio para a minha casa! São lindas! (risos)

Na escola pública, as opiniões foram expressas da seguinte forma:

Jacimara, 11 anos: Eu acho essa entrevista do Globinho legal porque o cara conta um monte de coisas que a gente não sabe sobre o Bob Esponja.

Eliane, 12 anos: Eu gosto do desenho, mas acho que tudo isso é coisa de criança.

Jady, 11 anos: Nada a ver! Meu primo tem 18 anos e assiste ao desenho do Bob Esponja todos os dias!

Josy: Mas você está achando que essas reportagens também são para crianças, Eliane?

Eliane, 12 anos: Acho. Mas eu também tenho vontade de ler.

Quando as reportagens foram confrontadas e os alunos foram perguntados sobre qual das duas escolheriam para ler, a grande maioria optou pela matéria de capa da “Recreio”. Os motivos foram variados. Na escola particular, a maior parte das crianças afirmou que a reportagem era mais “bonita” e mais interessante porque as perguntas partiam das próprias crianças, leitoras da publicação. A mesma opinião foi compartilhada pelos alunos da escola pública. A “Recreio”, apesar de apontada como “mais boba”, pela maioria, foi também identificada como “mais engraçada” e “mais criativa”.